

A CONCEPÇÃO DA MORTE NA FILOSOFIA CRISTÃ

THE CONCEPTION OF DEATH IN CHRISTIAN PHILOSOPHY

Roberto Marques Costa¹

Faculdade Internacional Signorelli, Brasil

Resumo: A reflexão do artigo é elaborada a partir do método crítico hipotético-dedutivo. É uma pesquisa bibliográfica básica, estratégica, descritiva e qualitativa que tem como escopo analisar criticamente os resultados sobre a problemática da morte na perspectiva da filosofia existencialista cristã. A credibilidade do artigo se pauta na asserção de que a morte é, sem dúvidas, um objeto de pesquisa de grande relevância para o conhecimento científico, porque ela é inerente e indissociável à existência humana. No existencialismo cristão, a morte é compreendida como o fim de tudo, mas o fim entendido como meta alcançada e início de uma nova vida. Como diz Leonardo Boff (1976, p. 35): “a morte é o lugar do verdadeiro nascimento do homem”, visto que toda morte recorda um nascimento. A morte, portanto, não é a aniquilação e a redução do ser humano ao nada absoluto, mas a transformação de todo o seu ser. A fonte da pesquisa é secundária e fundamentada na ideia de pensadores que refletiram sobre a morte não do ponto de vista filosófico-niilista, e sim dos que fizeram uma reflexão a partir da filosofia transcendental.

Palavras-chave: Morte · Filosofia · Existencialismo · Cristianismo

Abstract: The article’s reflection is based on the deductive-hypothetical critical method. It is a basic, strategic, descriptive, and qualitative bibliographical research that aims to critically analyze the results on the issue of death from the perspective of Christian existentialist philosophy. The credibility of the article is based on the assertion that death is, without a doubt, a research object of great relevance to scientific knowledge, because it is inherent and inseparable from human existence. In Christian existentialism, death is understood as the end of everything, but the end is understood as a goal reached and the beginning of a new life. As Leonardo Boff (1976, p. 35) says: “death is the place of the true birth of man”, since every death recalls a birth. Death, therefore, is not the annihilation and reduction of the human being to absolute nothingness, but the transformation of his entire being. The source of the research is secondary and based on the idea of thinkers who reflected on death not from a philosophical-nihilistic point of view, but from those who made a reflection from a transcendental philosophy.

Keywords: Death · Philosophy · Existentialism · Christianity

Enviado: 07/09/2021. Aceptado: 07/12/2021

¹ Pós-Graduação em Filosofia pela Faculdade Internacional Signorelli. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: costaroberto7409@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

O presente artigo não tem a pretensão de trazer respostas prontas e definitivas, mas problematizar a questão da morte, tendo como base o pensamento de filósofos e pensadores cristãos. Sabe-se que todo ser humano tem a certeza de que um dia irá morrer, pois a morte é inerente à existência humana. Neste sentido, existem duas certezas referentes à morte: a de que ela é inevitável e a de que ela é imprevisível.

E ela própria é inevitável: marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca falta nos levará a todos ao eterno exílio. Portanto, se receamos, temos nela um motivo permanente de tormentos e andaremos como em país inimigo a deitar os olhos para todos os lados: ela é sempre uma ameaça, como o rochedo de Tântalo (Montaigne, 1980, p. 45).

Mesmo tendo a certeza da finitude humana, a morte sempre gera medo e angústia. Por esta razão, o artigo tem por objetivo refletir sobre a angústia causada pela morte e ao mesmo tempo perceber como a religião ajuda o ser humano a encarar esta realidade inexorável. Pode-se dizer que ninguém pediu para nascer ou para existir, contudo o ser humano existe e inevitavelmente está fadado ao fracasso e à própria morte. Agostinho (1990, p. 105), fala que “não existe ninguém que não esteja mais próximo da morte depois de um ano que antes dele, amanhã mais do que hoje, hoje mais do que ontem, pouco depois mais do que agora e agora pouco mais do que antes”.

Ao tomar consciência da própria morte, o ser humano tem duas possibilidades: poderá se angustiar e entrar no desespero, ou se abrir para o transcendente, dependendo da forma de como ele interpretará o fenômeno da morte. O desespero ou a angústia poderá levá-lo a uma busca pelo sentido da própria existência. Qual a razão de existir? Esta é uma das questões essenciais que o homem poderá fazer e tentar obter a resposta. Ainda que o ser finito encontre essa resposta existencial, o ser humano não deixará de tender para a morte, porque todo ser humano tende para a finitude. Montaigne (1980, p. 49), diz que “lastimar não mais viver dentro de cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nascido um século antes. A morte é origem de outra vida. Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual”.

O cristianismo e os seus ensinamentos doutrinários pregam que todo ser humano nasce destinado à morte, porém a morte não entendida como fim último da existência, e sim, como uma passagem para uma nova dimensão de vida. Isto é, passa-se da efemeridade e transitoriedade para a eternidade. Com relação à problemática da morte, encontra-se uma posição semelhante em Leonardo Boff (1976, p. 35):

A morte é sim o fim da vida. Mas fim entendido como meta alcançada, plenitude almejada e lugar do verdadeiro nascimento. A união interrompida pelo desenlace não faz mais que preludiar uma comunhão mais íntima e mais total. A morte como fim-fim é verdadeira. Ela marca a ruptura de um processo. Cria uma cisão entre o tempo e a eternidade.

Ambos os autores citados acima definem a morte como o fim da vida, porém um fim que está relacionado à transitoriedade. Nesta perspectiva, a morte sinaliza a ruptura do efêmero para o eterno. A máxima do cristianismo é que vivemos no mundo, mas não somos para o mundo, e sim para a eternidade.

2. A MORTE DO PONTO DE VISTA FILOSÓFICO E RELIGIOSO

Em oposição à filosofia niilista, encontra-se a filosofia da esperança de Gabriel Marcel, principal representante do existencialismo cristão, que acredita ser possível a transcendência da pessoa mediante seu encontro com Deus. A tese fundamental do seu pensamento consiste na ideia de que existir é ter em conta o mistério, o transcendente. A sua filosofia preconiza a morte como trampolim de uma esperança absoluta. Portanto, em um mundo sem morte, a esperança só existiria em estado embrionário.

Segundo ele, a filosofia da esperança coloca o ser humano em marcha, em direção à meta da realização plena do seu ser. A morte não é um convite ao desespero, e sim um salto em direção à transcendência. Para Marcel, não há muita diferença entre o que é hoje e o que será na eternidade. Conforme Marcel (*apud* Chauchard, 1967, p. 26), “a vida eterna irá somente manifestar aquilo que houvermos amado sobre a Terra, isto é, irá apenas ratificar nossas adesões durante esta vida, levando-as então à plenitude de sua realização”.

O existencialismo cristão opõe-se ao existencialismo heideggeriano. Segundo afirma Morin (1970, p. 278), “a própria angústia nos revela que a morte e o nada se opõem à tendência mais profunda e inevitável do nosso ser. O ser humano na sua essência própria, não é existência para a morte”. Heidegger se esquece do significado antropológico do desejo de imortalidade, ou seja, ele ignora ser a morte uma necessidade que vem contrariar e contradizer a individualidade humana.

Uma das causas do medo da morte está relacionada com o que virá depois da morte. O medo do desconhecido, a preocupação com o que poderá estar além da morte, de certa forma, gera angústias e sofrimentos. Algumas pessoas negam a morte para se tranquilizarem. Elas dizem que nada existe depois da morte. Entretanto essa ideia do vazio, do nada, cria uma angústia maior: de que vale a vida neste mundo, se depois tudo acaba? Existirá algo depois da morte? Numa sociedade altamente tecnocrática, admitir a existência de outra vida sem comprová-la cientificamente não



é aceito por muitos, ou seja, falar de outra vida além desta com homens tecnicistas é algo bastante complexo. Todavia, não é impossível, porque a ciência não é capaz de provar todos os fenômenos que acontecem neste mundo, quanto mais o mistério da vida depois da morte. Conforme as palavras de D'Assumpção *et al.* (1984, p. 97), “compreender a morte é fundamental para o homem, especialmente o que se diz cristão, pois chega a ser um paradoxo aquele que crê em Deus, que deseja uma vida junto ao Criador, temer a passagem que o leva diretamente a esta situação desejada”.

Entretanto, o paradoxo continua. Dentro deste contexto, pode-se dizer que o suicídio é algo saudável porque é a busca mais rápida do encontro com Deus. O que não é verdade, pois para uma melhor compreensão do problema da morte é necessário ter uma vida mais plena, mais feliz e mais cristã. Porém, e o depois da morte? O que acontecerá com o ser humano? É necessário recorrer à Bíblia que apresenta uma resposta fideísta, pois com Cristo, a morte conduz à vida: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e tudo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente” (Jo 11, 25-26). Analisando esta citação, pode-se afirmar que o conhecimento exato de como será ‘o outro lado’ deve ter qualquer importância para aquele que tem fé. Destarte, a morte em si, deixa de ser castigo para ser passagem para junto de Deus.

A partir do momento em que o homem se destaca na evolução como ser cultural, isto é, capaz de produzir culturas, surge a preocupação com a morte, ou melhor, com o que vem depois dela. Nas diversas leituras para a concretização deste artigo, percebe-se que, sempre houve na história da humanidade, a crença na sobrevivência, ou seja, a crença de que a morte é o trânsito dos mortos deste mundo para outra dimensão da realidade. Com efeito, diz Moody (1991, p. 21), “que os túmulos encontrados em escavações muito primitivas em todas as partes da Terra nos dão testemunho da crença na sobrevivência humana depois da morte”.

Em todas as civilizações e culturas que precederam o nascimento da civilização industrial, encontramos uma constante universal, por toda parte presente, embora sob formas muito diferentes: é a crença generalizada em uma vida futura. Em todas as civilizações, desde as mais primitivas até a do Ocidente desenvolvido, a morte não era interpretada como um aniquilamento ou um fim absoluto; significava, sim, mudança de vida; marcava uma espécie de etapa na continuidade da existência (Aubert, 1995, p. 17).

Não se trata de ver nesta constatação etnológica uma espécie de prova da sobrevivência, porque a crença jamais constitui uma prova da existência futura. Apesar de que, a crença num além é característica do ser humano, como ser situado numa

cultura². A crença no além se manifesta em nossos dias, de formas diversas. De modo geral, pode-se dizer que essa crença desenvolve-se num fundo de religiosidade.

Para o teólogo Blank (1998, p. 09), “em toda a história da espécie humana, constata-se como traço cultural permanente a convicção de que, depois da morte, haveria algo mais, a morte não seria o fim último; a vida do ser humano continuaria”. Entretanto, ainda permanece a dúvida e indagação: como seria a vida após a morte, ou melhor, existe vida após a morte? Ao formular estas perguntas, confronta-se um dos grandes enigmas que envolvem o ser humano e que esteve presente em todas as culturas e em todas as épocas.

Vejam algumas das possíveis atitudes diante da questão da sobrevivência à morte da seguinte forma:

A sobrevivência à morte é logicamente impossível. A sobrevivência à morte é logicamente possível, mas é impossível prová-la empiricamente. A sobrevivência é lógica e empiricamente possível. A sobrevivência é logicamente possível e empiricamente plausível. A sobrevivência é logicamente possível e empiricamente provada. A sobrevivência é logicamente necessária (Jacobson, 1971, p. 254).

O interesse por essas questões, ou problemas abordados por Jacobson tem aumentado de maneira surpreendente. Certamente, devido à frustrante experiência do ser humano contemporâneo, cuja vida, numa sociedade de consumo, torna-se cada vez mais superficial e insatisfatória.

Para sustentar a argumentação de que a vida não termina com a morte, analisam-se alguns casos de Experiência de Quase Morte (EQM), relatados pelo Dr. Moody³ em sua obra, *Vida depois da vida*. Tais testemunhos procedem de pessoas gravemente enfermas em processo de reanimação⁴, ou vítimas de acidentes em estado de coma. A maioria destes reanimados alega a mesma experiência, não uma experiência após a morte, porém nas proximidades da morte. Para Aubert (1995, p. 63) “essas experiências não se referem a um além propriamente dito, isto é, a uma vida depois da morte, mas à experiência de doentes em estado de morte real (esta seria definitiva, tais doentes não poderiam voltar atrás), mas de morte clínica”. A EQM é o que a própria medicina declara como morte clínica, ou seja, pessoas que estão mortas clinicamente, mas que voltam à vida. Isso, a princípio, parece um absurdo, porém o autor diz que todas as pessoas com as quais

² A palavra cultura deve ser tomada aqui, não em sentido clássico, sinônimo de educação e instrução, mas no sentido etnográfico, calcado no alemão *kultur* sinônimo aproximado de civilização, modo de vida, maneira de agir, de amar próprio de um grupo humano (Aubert, 1995, p. 18).

³ Doutor em Medicina e psicologia.

⁴ Conjunto de medidas destinadas à recuperação de funções vitais transitoriamente comprometidas devido às causas clínicas, cirúrgicas ou traumáticas.



ele entrevistou, voltaram da EQM, ou seja, experimentaram o ato de flutuar para fora de seus corpos, associados com uma grande sensação de paz e totalidade. Nas entrevistas com pacientes que já passaram pela experiência de quase morte, afirma Moody (1991, p. 87),

que não se parecia em nada com alucinação. Já tive alucinação uma vez, quando me deram codeína no hospital. Mas isso aconteceu muito antes do acidente que me ‘matou’. E essa experiência não foi nada parecida com as alucinações, absolutamente nada.

Vejam outro fato ocorrido com um paciente que ficou em coma sete dias, após ser submetido a uma cirurgia para retirada de um tumor nos pulmões:

Quando saí do meu corpo físico foi como se tivesse saído do meu corpo e entrado em algo diverso. Não achei que fosse apenas ao nada. Era outro corpo, mas não outro corpo humano. Tinha forma, mas não tinha cores. Não dá para descrever. Estava mais fascinado e vendo meu próprio corpo ali. Por isso, não pensei no tipo de corpo em que estava. E tudo parecia tão rápido. Na realidade o tempo não era um elemento, e, no entanto, era. As coisas parecem andar mais depressa depois que você sai do seu corpo (Moody, 1991, p. 53).

Analisando estes dois relatos de EQM, deve-se perguntar: como é que ele sabe que essas pessoas não estão mentindo ou fantasiando algo? Ele próprio responde que tais observações foram feitas em pessoas perfeitamente capazes de distinguir sonho e fantasia da realidade. As pessoas entrevistadas eram personalidades sadias e equilibradas; por isso não falaram de suas experiências como se estivessem contando seus sonhos, mas sim como eventos reais que de fato lhes aconteceram. Vejam o que diz o autor acerca dessas experiências:

Testemunhei adultos maduros, emocionalmente estáveis – tanto homens como mulheres que me contavam tais eventos. Percebi nas suas vozes sinceridade, calor e sentimento que não podem ser falsamente transmitidos em uma narrativa escrita. Por isso para mim, de modo que é infelizmente impossível que muitos outros partilhem aceitar a noção de que esses relatos possam ser invenções é completamente inadmissível (Moody, 1991, pp. 132-133).

Por mais que transcendam aos limites impostos pela realidade do mundo, uma experiência da vida para além da morte permanece inacessível. Até mesmo os relatos de experiência de quase morte; por mais espetaculares que sejam, se situam no campo do experimentável, por isso traduzível em linguagem humana.

Essas experiências, apesar de não provarem a existência de vida após a morte, desempenham um papel significativo no esclarecimento da questão da vida eterna. Na verdade, essas experiências vividas perto da morte só provam que as

pessoas, depois da morte clínica, ainda são capazes de certas percepções. Entretanto, Elizabeth Kubler-Ross (*apud* Moody, 1991, p. 09), “diz que essas experiências são a comprovação da existência da vida eterna. A pesquisa de Moody esclarece muitas questões e confirma o que nos tem sido ensinado há dois mil anos: a existência da vida depois da morte”.

A resposta da religião cristã, cuja convicção baseia-se na história da revelação divina, é que a vida não termina com a morte. Depois da morte, há a continuação da vida em dimensões novas, isto é, a vida eterna. Pois, o próprio Cristo conseguiu a vitória por meio de sua morte, libertando o homem da morte e o ressuscitando para a vida. Excluindo assim toda a possibilidade de que a morte significa a aniquilação do ser humano para sempre. A crença na vida depois da morte é praticamente comum a todas as religiões do mundo, pois a morte é a porta que se abre para o mistério.

Todas as religiões oferecem esperança ao coração do ser humano, porque nelas se colocam e se respondem as perguntas que o ser humano sempre fez ao longo da história da humanidade e ainda as faz até os dias atuais: que será do ser humano? Que será do mundo? Como será o pós morte? São esses questionamentos que trabalham as crises existenciais e procuram formular respostas convincentes para essas indagações que são próprias do ser humano. A religião pretende ter uma resposta, porque onde há religião, há esperança de uma nova vida depois da morte.

Geralmente, a religião oferece duas soluções tradicionais para o problema da morte: em primeiro lugar admite a existência de alguma forma de vida após a morte, ou o prolongamento daquela numa forma muito próxima à da vida terrena. Em segundo lugar, elabora ritos de despedidas garantindo a chegada do morto ao outro mundo, o que significa conforto para os que ficam. Para aqueles que estão realmente convencidos de que possuem uma alma imortal, a morte é encarada mais como um transtorno passageiro do que como uma ameaça.

A fé e a esperança na vida depois da morte consolam a pessoa enlutada. A ideia de que a separação do ente querido é apenas temporária, e de que existe sempre a possibilidade de um encontro é confortadora para a pessoa que crer. Portanto, o luto é mais suportável para o ser humano que acredita em Deus, porque a fé auxilia e esclarece sobre a questão da perda. Isso não significa que a pessoa religiosa não sofra com a morte de um ente querido, mas que ela aceite a perda com mais facilidade e tranquilidade, pois a fé na ressurreição é um grande consolo.

Por mais diferentes que tenham sido as religiões de mistérios nas diversas épocas e entre os diversos povos, encontra-se nelas, apesar de tudo, uma preocupação fundamental comum: o problema da morte (...). Todas trouxeram aos homens uma mensagem: a vitória de vida sobre a morte. Independentemente do deus



de salvação ser masculino ou feminino, animal ou humano, extraterrestre ou terrestre, o tema fundamental, o próprio drama do mistério, conserva-se idêntico: é a luta contra a morte (Morin, 1970, pp. 187-188).

3. A MORTE NA ÓTICA CRISTÃ

O cristianismo professa sua fé na Santíssima Trindade. Aceita a ressurreição e sustenta que o homem irá ressuscitar no seu próprio corpo, uma só vez, para a vida eterna. O cristão encontra consolo na certeza de que a alma dos mortos continua a existir, unindo-se a Deus para sempre. A grande mensagem do cristianismo é que Cristo ressuscitou! Então, a morte adquire o verdadeiro sentido e as realidades do dia a dia são vistas numa nova luz, porque Cristo ressuscitou! Dizia o grande apóstolo, Paulo: “Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou vazia é a nossa pregação, vazia também é a nossa fé” (Cor. 15,13-14).

O Magistério da Igreja Católica sempre ensinou e ainda ensina o que acontecerá com o ser humano na morte. Como diz Blank (1998, p. 35), “na morte, o ser humano sai das dimensões do espaço tempo cósmico e entra em outras dimensões tradicionalmente chamadas de eternidade”. A Igreja Católica afirma que depois da morte, a vida continua em dimensões novas, isto é, a vida eterna. Esta é a resposta da religião cristã, e sua convicção baseia-se em toda a história da revelação divina. O Magistério da Igreja Católica, por meio da Congregação da Doutrina da Fé⁵ diz:

A Igreja afirma a sobrevivência e a subsistência, depois da morte, de um elemento espiritual, dotado de consciência e vontade, de sorte que o eu homem subsiste. Para designar tal elemento, a Igreja emprega a palavra alma, consagrada pelo uso da Escritura e da Tradição. Sem ignorar que esta palavra toma diferente sentido na Bíblia, a Igreja considera não existir nenhuma razão séria para rejeitá-la [...] (Aubert, 1995, p. 70).

Os cristãos, sobretudo, os católicos, acreditam numa continuação da vida depois da morte porque Deus é fiel, e ao mesmo tempo, é um Deus da vida e não da morte, por isso vai manter o ser humano para além da morte. Por consequência, o ser humano não pode acabar na morte porque tem em si mesmo uma dimensão eterna. Nas palavras de Blank (1998, pp. 102-103), “essa dimensão é a alma espiritual que é fundamentalmente distinta do corpo. A morte atinge o corpo, mas não a alma. A essência do ser humano não é a sua manifestação corporal, mas a dimensão espiritual”. Entretanto, segundo o livro do Eclesiastes, não se alcança a imortalidade simplesmente porque se tem uma alma imortal e sim porque foi Deus quem destinou ao ser humano uma existência, por isso não é só a alma que sobrevive, como

⁵ Declaração sobre a vida eterna e o além, do dia 17 de maio de 1973.

pensavam os gregos, e sim o ser humano inteiro porque Deus ressuscita a pessoa na sua totalidade e não em partes.

A morte para o cristão não é a extinção da personalidade, e sim uma transfiguração do discípulo de Cristo. Sabe-se que o próprio Deus dispôs a morte como entrada numa situação definitiva, ou seja, a vida não é tirada e sim mudada. Assim, quando se morre, a alma entra num estado de bem-aventurança, que é chamado de vida eterna. Esse encontro com Deus, após a morte, traz para a alma humana confiança e alegria. A promessa de uma vida futura ocorre de modo geral em todo o Novo Testamento. Merece destaque o Evangelho, no qual, Jesus apresenta a felicidade eterna sob a figura da grande Ceia: Ceia na qual, é preparada para ricos e pobres, felizes e desgraçados (cf. Lc 14,16-24). Ceia em que o patrão serve aos servos fiéis (cf. Lc 12-37), festa a todos os povos da terra (cf. Lc 13-19; Mt 8,18). Segundo os ensinamentos de Jesus, a vida após a morte será uma profunda comunhão dos justos com o Senhor, que nas parábolas indicadas acima é apresentada ora como Rei, ora como Aquele que prepara a Ceia.

3.1 A MORTE: VERDADEIRO NASCIMENTO DO HOMEM

De acordo com o antropólogo Morin (1970, p. 21), “Toda morte evoca um nascimento, e, inversamente, todo nascimento evoca uma morte”. O cristianismo sustenta saber coisas bastante concretas sobre o amanhã do homem. Ele promete ainda a ressurreição dos mortos. Para o cristianismo, segundo Boff (1976, p. 15), “o homem não caminha para uma catástrofe biológica, chamada morte, mas para uma realização plena do corpo-espiritual”. Assim, na morte, momento em que se dá à passagem do tempo para a eternidade garantida por Jesus, o homem é convidado a tomar uma radical decisão⁶.

Para o cristão, em conformidade com o pensamento de Boff (1976, p. 97), “a morte é vista como o verdadeiro nascimento onde o homem realiza plenamente seu ser autêntico”. Ela é considerada um segundo nascimento, no qual, marca uma passagem do mundo material para o mundo espiritual, do mundo natural para o mundo sobrenatural. Isso significa que a vida de cada ser humano não acaba na morte, mas que ela segue seu caminho num mundo desconhecido por todos nós, chamado de céu. Destarte, a morte é considerada como irmã, como uma passagem obrigatória para outro nível de vida pessoal e livre, em maior plenitude. Logo, é preciso tornar-se amigo da morte.

O morrer, portanto, não significa somente o marco de um processo biológico, mas significa, principalmente, conforme Boff (1999, p. 17) “um acabar de nascer e o modo pelo qual o homem atinge a sua totalidade através de uma verdadeira

⁶ De-Cisão significa em grego *Krisis*, crise, juízo, ruptura, corte.



decisão”. A esperança na vida eterna junto de Deus e daqueles que já partiram é uma estrutura existencial do ser humano, algo que não acontece com os demais seres vivos, pois o animal irracional vive sem conhecer a morte. Aqui, está o que nos separa dos animais. O ser humano tem o desejo de superar todas as aflições que o aflige: como a dor, a frustração, o ódio e a própria morte, pois ele quer a plenitude e a vida após a morte.

A morte pode ser entendida como fim da vida, o que deixa inúmeros indivíduos frustrados. Contudo, é preciso entender a morte como fim da seguinte maneira: ela rompe a ligação com o mundo e separa a o indivíduo das pessoas com as quais convivem e amam. A morte é triste como o fim de uma festa, pois o ser humano está habituado a significar o fim como algo negativo. Que bom seria se compreendesse que o fim não significa necessariamente negatividade, mas sim positividade! Como por exemplo, quando um estudante vibra porque se formou em Medicina ou em Engenharia, isto é, atingiu seu fim desejado. A morte finaliza apenas um ciclo de vida. Ela é mais constante e comum do que se imagina, pois cada vez que acontece uma mudança interna, acontece um tipo de morte.

Morrer é finalizar uma fase, sentindo uma inevitável dor, pois toda transformação exige certo sofrimento, condição essencial para começar um novo ciclo. Talvez o drama da morte é que se apresente como final definitivo do qual aparentemente, não há como recomeçar. Nem todo fim é ruim. O casamento ou o nascimento de uma criança são também mortes. Marcam o término de uma fase e indicam o começo de uma nova forma de vida (Goldberg & D’ Ambrósio, 1992, p. 85).

Certifica que a morte é o fim. Porém, não o fim de toda a realidade humana como pensam os filósofos niilistas. A morte é sim o fim da vida, mas o fim entendido como o início da vida para além da morte. Por isso, consoante com a ideia de Boff (2000, p. 237), “nós não vivemos para morrer. Morremos para ressuscitar [...]. Para viver mais e melhor?”. Como fim, a morte é verdadeira porque ela marca uma ruptura de um processo vital, isto é, ela finaliza a vida enquanto presença biológica neste mundo material. Entretanto, a morte não é um fim sem sentido ou um fracasso definitivo, e sim o trânsito para um mundo pleno de paz e felicidade, no qual, terá um corpo espiritual.⁷ Percebe-se isso por meio de uma experiência de quase morte (EQM), de uma paciente portadora de câncer que estava em coma há seis dias. Vejam o depoimento dessa paciente, após ter voltado da EQM:

A experiência de deixar o próprio corpo - acompanhada por uma sensação de possuir um ‘corpo espiritual. Um encontro ou reunião com amigos e parentes já falecidos. Uma experiência com uma luz ou uma claridade ofuscante. A descoberta

⁷ Significa o homem-corpo que ganha as características do homem-alma e capaz de desejo infinito, de transcender todos os limites e estar em Deus.

de uma linha divisória, ou fronteira, entre os dois mundos da experiência (Kastenbaum & Aisemberg, 1983, p. 16).

A morte é intrínseca ao ser humano, porque na concepção de Boff (2000, p. 222) “a morte não vem de fora. Ela se encontra instalada dentro de cada ser”. Por esta razão, também é válido dizer como Kastenbaum e Aisemberg (1983, p. 133), “quando você olha dentro de seus olhos não é uma pessoa o que você vê. Você apenas vê a morte”.

O ser humano morre aos poucos, a cada segundo que se passa, ele está morrendo. Ele nasce, cresce, se desenvolve, torna-se maduro, envelhece e morre. Chegará o momento em que, mesmo a pessoa mais velha do mundo morrerá, porque todos são mortais. Portanto, é um grande absurdo pensar que alguém não morrerá. Como diz Boff (2000, p. 225):

para morrer, basta estar vivo, que cada um tem a sua hora, porém essas verdades soam distantes, como se não nos dissessem respeito (...)]. Entretanto, a morte pertence a nossa vida humana, por mais que o eu profundo queira vida e mais vida e anseie pela eternidade da vida.

Segundo o pensamento boffiano, a morte não significa a separação da alma do corpo. Se assim fosse, a morte seria restringida somente à dimensão biológica do ser humano. Segundo a antropologia semítica, a morte é da pessoa toda; não existe uma compreensão dualista de morte de alma e corpo. Todo o homem morre e todo o homem é salvo por Deus. A morte não pode ser definida como separação entre alma e corpo, porque não há nada para separar. Condizente com o pensamento de Boff (1976, p. 39),

corpo e alma não são coisas paralelas, possíveis de separação, embora possam e devam ser distinguidas (...) morte é cisão entre o modo de ser temporal e o modo de ser eterno no qual a pessoa entra. Pela morte, o ser humano-alma não perde sua corporeidade.

Embora, possam existir controvérsias, contudo, não há nenhuma declaração do Magistério da Igreja Católica que defina a morte como separação do corpo e da alma. O ser humano é totalmente corpo e totalmente alma. Ele é uma unidade que não pode ser dividida em dois princípios: corpo e alma. Consequentemente, não é possível que na morte, a alma se separe do corpo. Segundo a afirmação de Blank (2000, p. 109), “a alma do ser humano nunca se separa do corpo, porque ela forma com ele uma unidade indivisível da pessoa única e substancial”. Nas Sagradas Escrituras, não têm um termo para alma sem corpo, nem para corpo sem alma. A Igreja Católica garante a continuidade da vida para além da morte, mas não afirma que esta vida deva ser entendida como imortalidade da alma espiritual e sim como



ressurreição dos mortos. A ressurreição é uma forma de estar com Cristo, é uma passagem deste mundo para outro junto do Pai Eterno.

Daí pode-se dizer com Gabriel Marcel (*apud* Boff, 1999, p. 85) “corpo e alma não exprimem o que o homem tem, mas aquilo que ele é. Em sua totalidade, o homem é corporal. Em sua totalidade é também espiritual”. Por isso, no ser humano há um espírito corporalizado e um corpo espiritualizado. Isso é bastante evidente, por exemplo, quando se vê um rosto humano; nele não se vê apenas os olhos, nariz, boca; vê-se também a expressão de felicidade ou angústia, humor ou mau-humor, sabedoria ou tolice.

A definição clássica da morte como separação da alma do corpo caracteriza-se por apresentar a morte como algo que afeta somente a corporeidade; deixando a alma intacta, isto é, o corpo vai para o túmulo e alma para a eternidade. Esta, porém, é uma definição da concepção grega, em que a morte não é total: atinge apenas o corpo do ser humano. Logo, a morte não significa a diluição da realidade humana, porque a alma é imortal. Segundo os gregos, o sentido verdadeiro da vida se dá depois da morte, no mundo espiritual, por isso Sócrates morreu feliz. Enquanto que, o semita não conhece uma alma sem corpo; se esta sobreviver à morte terá uma forma corporal, pois o corpo se opõe ao espírito. Portanto, com a morte, o homem não perde sua corporeidade porque esta lhe é essencial, porém adquire outra forma de corporeidade mais aperfeiçoada do que esta.

Na verdade, o que se separa, na morte, não é o corpo e a alma, mas o tempo e a eternidade. Quer dizer um modo de existência limitado e aprisionado a esse tipo de vida espaço-temporal e o outro tipo de vida, na qual o ser humano entra caracterizado por uma relação aberta e ilimitada para com a matéria. É a relação própria de quem entra na eternidade (Boff, 2000, p. 229).

Por causa disso, é impossível a alma ficar separada aguardando ali a ressurreição do corpo porque a alma forma com o corpo uma unidade indivisível da pessoa humana única e substancial. Pela morte, acaba a noção de espaço e tempo, por isso não faz sentido falar de espera entre o agora e o final dos tempos. Para a pessoa que morre, o tempo acaba e começa a eternidade⁸. Pode-se dizer como Blank (2000, pp. 109-110),

nunca em nenhum momento, a alma humana se separa do corpo e fica sozinha, isto pelo simples fato de que esta alma entre a morte e o final dos tempos, nem teria tempo de se separar, porque na eternidade, o tempo não existe mais.

Para o ser humano, é difícil compreender a eternidade porque toda nossa experiência desenrola-se no tempo, ou seja, é impossível pensar fora do tempo. E a eternidade encontra-se fora do tempo, porque o tempo termina na morte.

⁸ “A eternidade não é uma espécie que precederia o tempo; é um instante sem limite que abraça individualmente, toda sucessão do tempo, e no qual todos os momentos desta sucessão estão fisicamente presentes” (Aubert, 1995, p. 107).

3.2 A MORTE NÃO É UMA ANIQUILAÇÃO DO SER HUMANO

Para onde vai o ser humano depois da morte? O desejo de saber como será a vida futura que se abrirá com a morte, é inerente à existência humana. Contudo, o que se sabe do pós-morte é o que a Igreja ensina, é o que Deus se revela por analogias e o que a Filosofia ensina por raciocínios lógicos. A tradição cristã diz que, na morte, a ressurreição do ser humano seguirá o modelo de Cristo. Portanto, morrer significa, para o cristão, aceitar o trânsito pascal⁹. O cristão sente o trauma da morte biológica, mas o aceita como a última forma de purificação.

A morte é transfigurada em acontecimento benéfico, e a vida recomeça renovada e reforçada. Em geral é isso que se celebra pelo rito de comemoração, o qual marca ao mesmo tempo em que é a integração do defunto numa forma de sobrevivência. Como dizia certo filósofo, o rito como a elegância, é uma forma de encantar a angústia (Bayard, 1996, p. 15).

Desse modo, o ser humano não se desespera diante da morte, porque morrer não significa que tudo está acabado. A morte é a porta por onde se tem o acesso à vida futura. No plano puramente natural, sem a graça de Deus, o ser humano teme a morte mais do que tudo e sente-se angustiado. Porém, quem tiver convencido de que existe uma vida além desta, talvez, veja a morte sem sobressalto, ansiedade e medo.

Um médico, cardiologista romano, ficava extremamente impressionado com a serenidade com que via morrer algumas pessoas que acreditavam em vida após a morte. Dizia ele, segundo Arias (1999, p. 23), “estou convencido de que certa fé no além ajuda a não morrer desesperado. Tenho certeza de que outros médicos podem ter experiências diversas, mas não há dúvidas de que uma grande fé em algo ajuda a viver e morrer melhor”. Uma reflexão científica pode trazer certo apoio à crença na existência da vida depois da morte, porém não pode prová-la. A última certeza de que a vida continua para além da morte só é encontrada por meio da fé. Esta convicção se baseia em Deus que se revelou no decorrer da história como um Deus da vida. Em concordância com a teoria de Blank (2000, p. 121), “a morte não é o fim, mas uma profunda transformação do ser humano em todas as suas dimensões”. Deus ressuscita o ser humano para a nova vida em todas as suas dimensões: corpo, alma e espírito.

Entretanto, considera-se que não são somente os ateus que temem a morte; os que têm fé enfrentam melhor a situação de morte, porém não dá para negar que, em geral, as pessoas temem a morte. Até os padres e os pastores, que falam tão bem da morte sentem medo dela. Por quê? Em primeiro lugar, porque a vida é um valor em si, e uma graça, que ninguém deseja perder. Em segundo lugar, porque quase

⁹ Passagem da morte para a nova e eterna vida.



ninguém se sente preparado para morrer, pois quase todos se sentem em dívida com Deus. E por último, porque morrer é sempre uma perda. Sabe-se que a fé praticada com convicção proporciona alívio diante da angústia da morte. Consoante com a teologia de Blank (2000, p. 62), “o medo se encontra no coração daqueles que, estando em algum ponto entre os dois polos, professam uma fé que, em conflitos e angústias, não são suficientes para alcançar a verdadeira salvação interior”.

Na verdade, só é possível imaginar a profunda transformação do ser humano na morte por meio de imagens e metáforas, pois o cientificismo tem dificuldade de compreender as verdades da fé. Há um fenômeno muito interessante para explicar a transformação do ser humano na morte. Refere-se ao fenômeno da metamorfose da lagarta em borboleta, que reflete de maneira metafórica e muito fiel a transformação pela qual o ser humano passa na morte. A lagarta, ao se transformar em borboleta, experimenta uma verdadeira morte, porém esta morte está longe de significar o fim, pelo contrário, tudo o que era lagarta sofre uma transformação radical para tornar-se borboleta. A própria natureza se encarrega de apresentar sinais de que a morte não é o fim.

Na metamorfose o que a lagarta experimenta é uma morte. Entretanto, sua morte não significa fim, mas sim transformação, através da qual aparece um ser qualitativamente novo, a borboleta. Tudo o que era lagarta está sendo transformado para se tornar borboleta. Não há imagem melhor para o que acontece com o homem na morte: metamorfose (Blank, 2000, p. 138).

Tal como no cristianismo, na parapsicologia,¹⁰ a morte é vista como transformação e início de outra vida. A ressurreição de Jesus é o grande sinal de esperança para todos os mortais. Ter a esperança significa aceitar que a morte não é o fim, mas uma profunda transformação do ser. É na morte que se abre a possibilidade para a primeira decisão pessoal do homem. Nas palavras de Boros (1971, p. 164), “a morte é o lugar da conscientização do homem, do encontro com Deus e da decisão da sorte eterna”. Para compreender a transcendência desta hipótese, devem-se expor os motivos que impulsionam a conceber de forma esperançosa a morte humana. Pode-se afirmar que só na morte o homem chega a ser uma pessoa completa para encontrar com Cristo. Condizente com Boros (1971, p. 167) “Só na morte, ele é capaz de atingir definitivamente a sua salvação mediante um reconhecimento espontâneo do seu próprio ser, perante Cristo”. Só no momento da morte, o ser humano chegará a ser ele mesmo e tomará uma decisão definitiva livre e consciente.

A morte não significa nada por si mesma, senão a passagem desta vida para outra, porque o verdadeiro sentido do morrer é transfigurar-se: é nascer de novo. Sem dúvida, aquele que crer sabe que existe outra vida além desta. Em

¹⁰ No dia 29 de julho de 1953 na cidade de Utrech, na Holanda, a Parapsicologia foi reconhecida como uma Ciência. <https://www.ipappi.com.br/confraternizacao-dia-do-parapsicogo/>.

conformidade com Chauchard (1967, p. 34) “sabe-se que a morte nada mais é do que uma mudança de estado”. O ser humano morre para passar para o outro lado da vida.

Ao morrer não nos veremos mergulhados no vazio do nada, mas em plenitude de uma vida verdadeiramente vivida. Adentramos um sítio penetrado pelo amor, iluminado pela verdade. Por que não podemos aguardar tranquilamente a vida futura, como aguardamos o dia de amanhã? Se existisse uma religião capaz de nos esclarecer definitivamente a respeito de tal vida o melhor seria que não a escutássemos (Jaspers, 1965, pp. 135-136).

Na teoria de Jaspers, o nada posterior ao fim não é efetivamente um nada. A morte como situação limite, distingue em dois aspectos: a morte como situação geral do mundo e a morte como situação individual. Como situação geral do mundo, ele dirá que tudo o que é real é mortal. A morte como situação individual é o que atormenta o ser humano, que o rói em seu íntimo. Seguindo a filosofia dele, a morte não é um abissal, um precipício que se absorve ou um abismo que se devora tudo. Ao contrário, segundo Jaspers (*apud* Mondim, 1980, p. 311), “o salto da morte é como o nascimento de uma nova vida. A morte foi assumida na vida. A morte, então, cessou de ser uma voragem”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após ter-se feito uma pesquisa bibliográfica para a concretização deste artigo, considera-se uma grande aprendizagem concernente à morte: a contribuição efetiva dos filósofos existencialistas não niilistas e também a colaboração do Cristianismo. Contudo, ainda há vários questionamentos em relação à morte e ao processo do morrer, pois a morte é vista como um enigma e um mistério da existência humana.

Acredita-se que este artigo foi apenas um ensaio do problema da morte, por isso é necessário continuar e incentivar a pesquisa acerca da morte. Visto que se entende a morte como a língua materna: só se aprende a conhecê-la vivendo e ouvindo o que as pessoas dizem sobre ela. Entretanto, o pouco que se pode aprender sobre a morte, fez-se uma diferença importante em como se vive neste mundo.

A pesquisa contribuiu para poder repensar a própria vida e a do outro, visto que a morte é inerente à vida e indissociável ao ser. É impossível falar da vida sem falar da morte. Por conseguinte, é verdade que não se pode compreender inteiramente esta vida enquanto não deslumbrar o problema da morte. É preciso tornar-se amigo da morte, porque ela é um fenômeno natural, assim como o nascer. Rubem Alves dizia que quando ela se torna nossa amiga, ela se torna nossa conselheira.

O que se percebe no artigo é que o tema da morte traz certas dificuldades, porque representa a questão maior da existência humana, o seu maior desafio e a sua



maior incógnita. Quando uma pessoa nasce, surgem vários questionamentos: talvez ela seja bonita ou feia: talvez rica ou pobre: pode ser que viva muito tempo, pode ser que não. Mas, ninguém diz: talvez, um dia ela morrerá, talvez não. Visto que, o ser humano tem consciência de que a morte é a única coisa absolutamente certa na vida. Dela, ninguém duvida. Diante da morte, todos se encontram sozinhos; pois ninguém pode morrer a morte do outro. Cada indivíduo morre a sua própria morte.

Na concepção cristã, o ser humano é um ser para a eternidade e não para a morte. Como afirma Boff (2000, p. 237) “não vivemos para morrer, morremos para ressuscitar”. Portanto, a morte não é o final da existência humana, mas uma transformação de todo o seu ser. A morte vem até o ser humano não como um fim, e sim como um novo começo. Ela significa morrer para esta vida e nascer para outra melhor do que esta. É como uma sementinha, se ela não morrer, não brotará uma nova vida. Só a esperança é que vence o absurdo da morte, visto que a vida continua depois da morte, porém em uma nova dimensão desconhecida por todos.

Frente à morte, todo indivíduo deve-se manter calmo e sereno, porque sabe que irá morrer: isso é certo e inevitável. Portanto, é necessário pensar, refletir sobre a morte e preparar-se para a sua chegada. A morte deve ser aceita com resignação mesmo que ela tenha uma nota de castigo, mesmo que ela seja uma ruptura com as pessoas que se amam. Então, fica claro que trabalhar com a questão da morte significa assumir a angústia humana que é inerente à vida frente à iminente morte. É evidente que se pode sentir a morte dos entes queridos, isso faz parte da condição humana. O próprio Jesus, na condição de humano, sentiu a morte de Lázaro.

Todavia, não se deve pensar na morte com desespero como faziam os pagãos; não como o fim da existência, como fizeram os filósofos ateus; não como a redução ao nada absoluto, como pensavam os filósofos niilistas; mas como uma porta que se abre para o eterno. Pois, como diz o Apóstolo Paulo: a morte foi vencida pela ressurreição de Jesus. A morte é uma descida à mansão dos mortos de onde se origina a subida definitiva do ser humano para o céu.

A morte é limitadora, temporal e angustiante. Porém, é ela que impulsiona o ser humano a lutar pela realização dos seus projetos. Embora, a morte separe o homem dos objetos de afeto, ela ensina também a percepção do outro e consequentemente de si mesmo. O presente artigo constata que as pessoas procuram distanciar-se da morte banalizando-a, porém, o homem só se realizará autenticamente, à medida que enfrentar corajosamente a sua finitude: a sua inevitável morte.

Enfim, considera-se que só se pode viver intensamente e gozar da vida se tomar consciência de que o homem é um ser finito e mortal, porque ser mortal é condição da própria existência humana. Ao se ter a consciência da finitude e da mortalidade, é necessário perceber que ninguém tem o direito de desperdiçar o pouco tempo de sua existência, no mundo. Se a vida humana fosse comparada a um

fósforo que se acende, arde e depois se apaga; a morte não causaria terrores ao ser humano, assim como não causa aos animais. Porém, o ser humano é essencialmente muito mais elevado do que o fósforo, logo ele é um ser que teme a morte.

O artigo deixa evidente que as pessoas que têm fé concebem a morte como um portal que se abre para a vida eterna, porque a religiosidade contribui no processo de melhor aceitação da morte. O cristão encara a morte como parte da vida e a compreende como o fim, todavia o fim entendido como meta alcançada e lugar do verdadeiro nascimento do ser humano. Isto significa que a vida não termina com a morte, mas que ela continua numa outra realidade incognoscível.

A morte além de ser um problema filosófico é também um problema poético, pois a morte inspirou grandes poetas da literatura mundial. Na verdade, muitos filósofos têm se esquivado da morte, todavia os poetas são diferentes; visto que eles adentram profundamente o fenômeno, rastreando-o. Por esta razão, se diz que um poeta sem sentimento de morte não é um grande poeta. É verdade também que um filósofo sem sentimento de morte não é um grande filósofo, porque a filosofia é filha da morte, ou seja, a morte é o gênio inspirador e o lampejo da filosofia. Sem a morte, dificilmente, o ser humano se teria filosofado.

BIBLIOGRAFÍA

Agostinho, Santo (1990). *Cidade de Deus: contra os pagãos* (2. ed.). Trad. Oscar Paes Leme: Vozes.

Arias, Juan (1999). *Um Deus para 2000: contra o medo e a favor da felicidade* (2. ed.): Vozes.

Aubert, Jean Marie (1995). *E depois - vida ou nada? Ensaio sobre o além*: Paulus.

Bayard, Jean-Pierre (1996). *Sentido oculto dos ritos mortuários: morrer é morrer?* Trad. Benôni Lemos: Paulus.

Bíblia Português (2002). *Bíblia de Jerusalém: contendo o antigo e o novo testamento* (9. ed.): Paulus.

Blank, Renold J. (1998). *A morte em questão*: Loyola.

Blank, Renold J. (2000). *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição: (escatologia I)* (2. ed.): Paulus.



- Boff, Leonardo (1976). *Vida para além da morte* (4. ed.): Vozes.
- Boff, Leonardo (1999). *A Nossa ressurreição na morte* (9. ed.): Vozes.
- Boff, Leonardo (2000). *Ética da vida* (2. ed.): Letrativa.
- Boros, Ladislaus (1971). A morte como crise-decisão. In L. Boros. *Nós somos futuro* (pp. 163-164): Loyola.
- Chauchard, Paul (1967). *A sobrevivência depois da morte*. Trad. Heloísa de Lima Dantas: Europeia.
- D'Assumpção, Evaldo Alves, Bessa, D'Assumpção, Gislaine Maria, & Bessa, Haley Alves (Coord.) (1984). *Morte e suicídio: uma abordagem multidisciplinar*: Vozes.
- Goldberg, Jacobi & D' Ambrósio, Oscar (1992). *A chave da morte*: Maltese.
- Jacobson, Niols O. (1971). *Vida sem morte?*: Nórdica.
- Jaspers, Karl. 1965. *Introdução ao pensamento filosófico* (2. ed.). Trad. Leonildas Hegenberg: Cultrix.
- Kastenbaum, Robert & Aisemberg, Ruth (1983). *Psicologia da morte*. Trad. Adelaide Petters Lessa: Edusp.
- Mondim, Batista (1980). *O homem quem é ele? Elementos de antropologia filosófica* (5. ed.): Paulinas.
- Montaigne, Michel Eyquem de (1980). *Ensaio* (2. ed.). Trad. Sérgio Milliet: Abril Cultural.
- Moody, Raymond (1991). *Vida depois da vida* (16. ed.). Trad. Rodolfo Azzi: Nórdica.
- Morin, Edgar (1970). *O homem e a morte*. Trad. João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues: Europa América.